



Fig. 1: Paulo Nazareth, Antropologia do negro II, 2014. vídeo performance. Imagem: cortesia do artista e Mendes Wood DM.

ARTIGO

POR QUE PAULO NAZARETH ESTÁ ENTRE OS GRANDES ARTISTAS DO SÉCULO 21?

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA
ABCA/BAHIA

RESUMO: Paulo Nazareth foi incluído entre os grandes artistas do século 21 pelas revistas *ARTnews* e *Art in America*, com a obra *Notícias da América* (2011-2012), destacada entre as 100 melhores do século. Artista caminhante, Nazareth desenvolve uma “arte de conduta”, onde vida e obra se confundem, desafiando fronteiras entre performance, política e ancestralidade. Sua trajetória pioneira na arte decolonial brasileira e sua crítica ao sistema elitista das artes o tornaram referência global. Com projetos marcados por longas caminhadas, registros poéticos e engajamento social, seu trabalho exemplifica uma das mais potentes respostas sensíveis e críticas às complexidades do mundo contemporâneo. Este artigo procura responder à pergunta: “Por que Paulo Nazareth está entre os grandes artistas do século 21?”.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Nazareth, arte contemporânea, decolonialidade, arte e política.

ABSTRACT: Paulo Nazareth was included among the great artists of the 21st century by *ARTnews* and *Art in America* magazines, with his work *News from America* (2011-2012) ranked among the 100 best of the century. A walking artist, Nazareth develops an “art of conduct,” in which life and work are intertwined, challenging the boundaries between performance, politics, and ancestry. His pioneering role in Brazilian decolonial art and his critique of the elitist art system have made him a global reference. With projects marked by long journeys, poetic documentation, and social engagement, his work exemplifies one of the most powerful, sensitive, and critical responses to the complexities of the contemporary world. This article seeks to answer the question: “Why is Paulo Nazareth among the great artists of the 21st century?”.

KEYWORDS: Paulo Nazareth, contemporary art, decoloniality, art and politics.

As revistas *ARTnews* e *Art in America* – que estão entre os mais importantes meios de divulgação das artes visuais no cenário internacional – incluíram a série *Notícias da América*, do artista Paulo Nazareth, em uma lista que destaca as 100 melhores obras do século 21, publicada em março de 2025. A proposta da lista foi coroar este primeiro ¼ de século bastante tumultuado e veloz com o destaque de trabalhos que representassem as mais renovadoras linguagens nos últimos 25 anos.

A metodologia: um grupo de repórteres, editores e críticos de arte, inicialmente, foi responsável por nomear entre 10 e 15 nomes cada um, compondo uma lista geral, posteriormente analisada e debatida para o resultado. Em textos publicados na revista *ARTnews*, os editores relataram o quão a tarefa foi hercúlea. Porém, após intermináveis debates – a partir de determinados critérios e de uma lista com poucas sobreposições (o que dificultava o senso comum) –, foram eliminadas as obras menos representativas.

Apenas uma obra por artista poderia ser listada, e as obras de arte analisadas tinham que ter sido produzidas entre 2000 e o momento atual; com exceção de uma obra, o projeto *Atlas Group*, de Walid Raad, cuja datação muda frequentemente, aliás, parte fundamental de sua genialidade criativa. Os trabalhos tinham que falar de algo, fosse um movimento informal ou uma tendência que já estivesse no ar, e deveriam simbolizar uma sensibilidade distintamente deste século. “Fizemos o possível para nos concentrar em obras de arte individuais que se destacassem por si sós, na ausência de outras obras relacionadas, o que significava que alguns artistas verdadeiramente grandiosos não figurariam aqui. E determinamos que as obras consideradas não precisavam ser influentes ou mesmo amplamente vistas – elas simplesmente precisavam ser de alta qualidade”, explicou o editor Alex Greenberger (2025), editor sênior da *ARTnews*.

Greenberger apontou desafios: algumas obras funcionavam melhor em série, o que parecia impedir que fossem

listadas como obras autônomas. Além disso, alguns trabalhos pertenciam a projetos ou séries iniciados na década de 1990, antes do início da pesquisa, o que levantou questões sobre sua inclusão. Para além destes problemas técnicos, uma pergunta permanecia: “E qual a melhor forma de ser global? Afinal, somos jornalistas radicados em Nova York, sem orçamento para viagens”, completou o editor. Ao final, a equipe decidiu se basear no que conhecia melhor: os objetos vistos em primeira mão. Isso significaria que a lista seria altamente subjetiva, o que não se tornou um problema, mas uma provocação, afinal, em tempos líquidos, em um mundo volátil e altamente suscetível a mudanças, como o universo da arte, a objetividade seria um mito. A lista, assim, se tornou “uma visão parcial da história da arte recente”, nas palavras de Greenberger, na qual estavam ausentes obras de arte famosas como o crânio

Fig. 2: Paulo Nazareth, *C'que vous pensez?*, do projeto *Cadernos de África*, 2013. impressão fotográfica sobre papel algodão. Imagem: cortesia do artista e Mendes Wood DM.



cravejado de joias de Damien Hirst e a performance de Anne Imhof para o Pavilhão Alemão na Bienal de Veneza de 2017.

Em seu texto, o editor chegou a propor um experimento mental ao seu leitor: imagine que você é editor da *ARTnews* há 75 anos, em 1950, e quer assumir o mesmo projeto. Você teria muito mais facilidade em selecionar as 100 melhores obras do século 20, porque haveria uma boa chance de que elas tivessem sido exibidas em Nova York, Paris ou Londres, e provavelmente seriam de um artista radicado em uma dessas cidades. Se, em 1950, o mundo da arte era pequeno, em 2025, esse não é mais o caso. Artistas estão espalhados pelo mundo todo, em locais que vão de Buenos Aires a Beirute, e as bienais passaram a refletir a amplitude do cenário artístico atual, como as edições mais recentes da Documenta de Kassel e da Bienal de Veneza, focadas principalmente no Sul Global, uma faixa extremamente grande do mundo que historicamente foi excluída do cânone eurocêntrico. Assim, o editor concluiu: ver tudo agora é difícil, senão totalmente inviável; criar uma lista de 100 obras que reflita tudo é quase impossível.

E é neste clima pós-vanguardista da crítica de arte nova-iorquina, embalado pelo humor ácido e inteligente da equipe das revistas envolvidas na lista, que se destacou o trabalho de Paulo Nazareth. “Deu match”, como diz o jargão do Tinder. E aqui se destaca a pergunta que dá título a este artigo: Por que Paulo Nazareth está entre os grandes artistas do século 21?



Fig. 3: Paulo Nazareth, Sem título, da série Etnografia Branca, 2021. Efun sobre impressão fotográfica em papel de algodão. Imagem: cortesia do artista e Mendes Wood DM.

Esta questão pode ser respondida a partir do que Achille Mbembe (2014) escreveu ao definir a relação entre arte e vida, afirmando que a função principal da obra de arte nunca foi simplesmente representar, ilustrar ou narrar a realidade. Para o autor, a natureza da arte sempre esteve relacionada a borrar e mimetizar todas as formas e aparências originais. Mesmo quando a obra é figurativa, segundo o autor, “[...] ela constantemente duplica o próprio original em sua deformação, distanciamento e, sobretudo, em sua conjuração” (2014, p. 290).

Paulo Nazareth não tem um projeto de arte, mas sim um projeto de vida. Artista-caminhante, mundialmente conhecido por seu trabalho de expressiva originalidade, ele definiu seu trabalho como “arte de conduta” (*Enciclopédia Itaú Cultural*), isto é, uma arte embrenhada com a existência, marcada pelo comportamento poético do artista que, ao invés de focar sua produção exclusivamente no objeto ou na ação, cria uma obra circular, cujo suporte é o movimento espiralar que reúne andanças pelo mundo, registros

poéticos, resgate de ancestralidades. Trata-se de uma poética que pode ser pensada pela ótica de Rancière (2015) a respeito do caráter “representativo da arte”, isto é, uma obra que não se presta a uma pedagogia ou explicação do mundo, mas que se torna, acima de tudo, uma reconfiguração do mundo sensível.

Não é exagero dizer que Nazareth é um dos maiores artistas da atualidade, pois as melhores obras do século 21 são aquelas que condensam a mais sublime estratégia da arte contemporânea: estar na vida, estar na política e estar com as pessoas diretamente. E ainda questionar o próprio lado obscuro do sistema artístico, sua face elitista e capitalista. A grandeza de seu trabalho também se justifica pelo pioneirismo na abordagem da agenda decolonial que hoje marca toda uma nova geração de artistas negros, indígenas e dissidentes de gênero que estão transformando a cena das artes visuais brasileiras. Nazareth começou a virada decolonial dez anos antes de seu nascimento no Brasil. Homem negro, de origem extremamente pobre, Nazareth desde o início de

sua carreira, há mais de 20 anos, abordou a questão racial, de classe e geopolítica, numa permanente busca por sua ancestralidade africana e indígena. Para além desta importante temática, o artista lança mão de estratégias formais renovadoras, borrando as fronteiras entre a performance, o ritual, o conceitual e a experiência existencial e estética, criando uma poética extremamente inovadora, na qual vida e arte se misturam completamente.

O artista mineiro começou a vender seus trabalhos visuais entre os doces e sabões expostos em seu balcão em uma agitada feira popular em Belo Horizonte, época em que ainda era estudante na Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais. Na universidade, também negociava limões, abacates, feijão, já suspeitando que vender alimentos era algo que tinha uma estreita relação político-estética com os panfletos, desenhos e gravuras que produzia. O ímpeto pelo trabalho manual também marcou sua infância, quando o menino transformava em brinquedos os objetos quebrados que sua mãe, varredora de



Fig. 4: Paulo Nazareth, Sem título [minha imagem de homem exótico à venda com a Kombi volkswagen], 2011. impressão de foto em papel algodão. Imagem: cortesia do artista e Mendes Wood DM.

rua, trazia para casa. Mais tarde, quando estudante universitário, passou a entender que aquilo que fazia na infância era arte, o que foi reafirmado pelo encontro com Mestre Orlando, artista baiano radicado mineiro, criador de belas carrancas, com quem teve uma forte relação de afeto e ensino-aprendizagem nos anos 1990.

A grande tônica de seu trabalho são os projetos de longo prazo, nos quais o artista mescla viagens, caminhadas, rituais, contato com comunidades (há muitas imagens registradas com pessoas que ele conhece em seus percursos), produção de material gráfico, foto e vídeo, performances que ficam registrados em várias mídias e em seu blog (<http://artecontemporanealtda.blogspot.com/>). E foi justamente seu trabalho inaugural mais marcante que o destacou agora como entre os melhores do século 21, *Notícias da América*

(2011-2012). Foi exatamente com esta obra que o trabalho de Nazareth passou a se destacar, quando o artista deixou a comunidade de Palmital, onde morava, em Belo Horizonte, para participar da feira Miami Basel, nos Estados Unidos. Realizou o percurso a pé, calçando apenas chinelos ou, em alguns trechos, de carona. Durante a viagem, que durou cinco meses, com a travessia de 15 países da América do Sul, Central e Norte, produziu registros escritos e em imagens. Fotografou-se com cartazes e anúncios ao longo do trajeto. Há certa dose de ritualismo na caminhada – o artista afirma ter lavado os pés somente na chegada da viagem, no rio Hudson, onde teria deixado um pouco da terra da América Latina. Na ocasião, também apresentou em Miami Basel a instalação *Banana Market*, uma perua Kombi repleta de bananas. Em um gesto que enfatiza como seu trabalho une arte e vida, o artista voltou a Palmital para reinaugar sua barraca na feira da cidade, chamando-a, em tom provocador, de Paulo Nazareth Arte Contemporânea Ltda.

O projeto *Notícias da América* trouxe bastante projeção ao artista, que passou a receber inúmeros convites, como para a Bienal de Veneza de 2013 e para a 12ª Bienal de Lyon. No Brasil, expôs e recebeu o Prêmio Masp de Artes Visuais 2012, na categoria Talento Emergente. Participou de diversos programas de residência na Argentina, na Indonésia e na Índia, e integrou exposições no Brasil, no Uruguai, na França, na Noruega, na Alemanha e nos Estados Unidos.

Já no período de *Notícias da América*, Paulo Nazareth expressava o desejo de percorrer os caminhos da África, como afirmou em conversa com a curadora Janaina Melo, publicada em seu primeiro livro, *Paulo Nazareth: Arte contemporânea/LTDA*, de 2012, Editora Cobogó. Então, logo deu início à série *Cadernos de África*, empreitada mais audaciosa e mais longa, como afirmou ele no livro. Impulsionado por uma espiral que nasce na cozinha de casa, no Palmital, ele vem percorrendo países africanos, reunindo e produzindo fotografias, vídeos, objetos, panfletos, cadernos, gravuras e desenhos expostos em

diversos locais, entre suas idas e vindas entre a África e seu ateliê em Palmital. Os deslocamentos não são apenas registrados, mas recriados em uma prática estético-narrativa e não simplesmente documental, que resulta em obras expostas em diversas mídias, entre elas, seu blog.

Entre os motivos para empreender o projeto, descritos em seu blog, o artista declara: 1) saber o que há de África em sua casa; 2) conhecer África antes de chegar à Europa; 3) saber o que há de sua casa em Europa; 4) saber o que tem de África em Europa; 5) saber o que tem de sua casa em África. Em 2013, Nazareth expôs os *Cadernos de África* na 12ª Bienal de Lyon, tendo uma grande projeção e a possibilidade de apresentar uma espécie de síntese do trabalho. O artista não foi presencialmente ao evento porque havia declarado que só iria à Europa após percorrer toda a África.

Como afirma Kiki Mazzucchelli (2012), a circularidade do trabalho de Nazareth confere certa complexidade ao trabalho do artista, ligando sua

poética à vertente experimentalista conceitual dos anos 1970. Ele não comparece às exposições na Europa, mas seu trabalho circula na internet e se expande da visualidade clássica para a união entre arte e comunicação, a partir do manuseio de inúmeros materiais impressos, como panfletos criados e recriados a partir de impressos antigos. A ideia do panfleto vem de sua forte formação em gravura na Escola de Belas Artes e da proposta de gravura expandida, que engloba xilos, serigrafia, metal, além das gravuras presentes no mundo, como estampadas em caixas de papelão. Assim, pode-se notar a proximidade de sua produção com a dos artistas brasileiros conceitualistas da década de 1970, como Paulo Bruscky e Arthur Barrio, influenciados pelos situacionistas e o grupo Fluxus. Essa produção artística, efêmera e crítica, se torna estratégia de resistência à comercialização das imagens e objetos de arte, como fez Nazareth na série de panfletos, identificados como decretos conceituais, intitulados *AQUI É ARTE* (2005), uma referência ao mercado das imagens.

É importante também destacar o uso do arquivo na prática poética do artista como uma estratégia que preserva a memória e simultaneamente a recria. Na série *Etnografia branca* (2019-22), Nazareth se apropria de arquivos etnográficos de diferentes instituições, que, por meio de fotografias, classificam pessoas subalternizadas em suas dinâmicas sociais e culturais. O artista insere círculos brancos sobre as fotos, feitos com *efum* (giz africano), que remetem à figura da galinha-d'angola e sua metáfora para afugentar a morte representada pela produção documental etnográfica. A obra também se torna um discurso crítico em relação ao sistema hegemônico da arte, pois possibilita a circulação, distribuição e comunicação do trabalho artístico para além dos espaços institucionalizados da arte.

A corporalidade também está sempre presente no trabalho de Nazareth, principalmente, para relembrar os herdeiros da diáspora, pessoas negras destituídas de sua história dentro de toda uma memória coletiva de descendentes de escravizados. É por isto que o artista se propõe a não

fazer simples registros fotográficos ou videográficos de suas caminhadas e performances. Suas fotografias são recriações, obras advindas da experiência estética, sempre corporais, presenciais. Em *Notícias das Américas*, ele vende sua imagem de homem exótico, como na fotografia em que se retrata segurando um cartaz com os dizeres: “Vendo mi imagen de hombre exótico”. Em *Cadernos de África*, faz imagens propositalmente em preto e branco para responder à pergunta: “Qual a cor da minha pele?”. Em 2014, Nazareth participou do projeto “Arquivo e Ficção”, a convite da curadora Ana Pato, como parte da 3ª Bienal da Bahia, realizado no Arquivo Público do Estado da Bahia. O grupo de artistas do qual participou imergiu no acervo do Museu Antropológico e Etnográfico Estácio de Lima, em Salvador, conhecido como Museu do Crime. Desta imersão, saiu a vídeo-performance *Antropologia do Negro II*, em que ele cobre seu rosto com crânios.

Quando sua biografia se mistura à obra, o artista sela permanentemente seu projeto estético-existencial. Em

sua página na Mendes Wood DM, galeria que o representa, ele se define como “homem velho nascido em Borun Nak [Vale do Rio Doce] / Pindorama [BR]]. Vive e trabalha pelo mundo.” No livro *Corporeidades Encruzilhadas: Paulo Nazareth e Cadernos de África* (2024), uma extensa análise do artista pela pesquisadora Napê Rocha, o artista diz carregar muitos nomes, heterônimos, alcunhas e apelidos, como Awa Jeguakaí Rendá, Bombom, Palmital, Jackson Five, Mohammad Nazareth, Fi da Ana, Che, Zé, entre outros.

Nascido em 1977, em Governador Valadares, norte do estado de Minas Gerais, região ocupada por fazendas e explorada pela mineração, o artista mostra em sua obra as complexidades desta relação existencial com a poética. Nunca deixou suas raízes, fincadas na comunidade de Palmital, um conjunto de habitação popular da região metropolitana de Belo Horizonte, para onde se mudou na década de 1980 e onde mantém seu ateliê até hoje. Descendente de indígenas por parte de mãe e de africanos e italianos por parte de pai, se autodenomina um “afro-indígena” e “afro-borum” e

reconhece também suas raízes ítalo-lusas. Seu nome de artista reforça a ligação com a árvore genealógica materna: trata-se de uma homenagem à sua avó materna, Nazareth Cassiano de Jesus, de origem Borum, que foi internada compulsoriamente na Colônia de Barbacena, MG, no final de 1944, quando a mãe do artista, Ana Gonçalves da Silva (Dona Ana), tinha meses de vida.

Para Napê Rocha (2024), o trabalho de Nazareth pode ser interpretado a partir da ideia de encruzilhada, em acordo com as cosmopercepções bantu e iorubá. A espiral que o leva de Palmital à África é composta de uma junção mítica entre passado, presente e futuro, representando a possibilidade da continuidade e da existência, em um lugar de encontros e trânsitos. Entre o aspecto global de sua obra e a profundidade espiritual de sua ancestralidade, Nazareth reimagina uma outra história para um mundo devastado pela ganância colonialista. É isto que faz em obras de impacto comovente, como na vídeo-performance de 2013, em que dá centenas de voltas andando de costas em torno da Árvore

do Esquecimento, repetindo o ato imposto aos africanos escravizados para que esquecessem de onde vieram. Com sua obra, Nazareth perpetua sua memória subjetiva e da coletividade a que pertence. Ao mesmo tempo em que reconta o passado, reinventa a própria história da arte, contribuindo com grandes *insights* formais para a inovação e perpetuação da arte contemporânea.

REFERÊNCIAS

Sem autor. “The 100 Best Artworks of the 21st Century”. *ARTnews*, março, 2025. Disponível em: <https://www.artnews.com/list/art-news/news/100-best-artworks-21st-century-1234734225/>

Greenberger, Alex. “How We Made Our List of the 100 Best Artworks of the 21st Century”. *ARTnews*, março, 2025. Disponível em: <https://www.artnews.com/art-news/news/how-we-made-our-list-best-100-artworks-21st-century-1234734676/>

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/29403-paulo-nazareth>

Mazzucchelli, Kiki. *Paulo Nazareth – Arte contemporânea/LTDA*. São Paulo: Cobogó, 2012.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014.

Rancière, Jacques. “Sobre a especificidade do meio e o cruzamento de disciplinas na arte moderna: uma entrevista com Jacques Rancière”. Ensaia, 2015. Disponível em: <http://www.revistaensaia.com/uma-entrevista-com-jacques-ranciere>.

Rocha, Napê. *Corporeidades Encruzilhadas: Paulo Nazareth e Cadernos de África*. São Paulo: Cobogó, 2024.

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA

Crítica de arte na imprensa brasileira e internacional há mais de duas décadas, Alessandra Simões Paiva é atualmente presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Professora adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), também é autora do livro *A Virada Decolonial na Arte Brasileira* (Editoria Mireveja, 2022). Integra ainda a Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), a Rede Europeia de Brazilianistas de Análise Cultural (REBRAC) e a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).